



Carnaval:

dos ticumbís, cucumbís, entrudo e
sociedade carnavalescas aos dias atuais

Haroldo Costa



Ilustração sobre foto: Mario Thompson

Defendo com ardor e a mais profunda convicção que o nosso Carnaval representa hoje a mais fiel tradução das nossas heranças, contradições, perplexidades e perspectivas. E é aí que moram a sua originalidade e constante mutação, além da irresistível sedução que exerce sobre todos os que ele faz contato em qualquer grau.

Por que será que o carnaval carioca é tão especial e tão original? Por que as escolas de samba adquiriram a força e o prestígio que hoje desfrutam dentro e fora do país? Esta é uma história que vem de longe e ainda está sendo escrita.

Os primeiros sons ligados ao carnaval chegaram ao Rio de Janeiro não em forma de ritmo ou melodia, mas sim de gritos de raiva e risos de deboche, era o Entrudo. Palavra originada no latim Introito, usada para definir o início do período da Quaresma. Emigrantes provenientes das ilhas da Madeira, Açores e Cabo Verde, aqui chegados a partir de 1723 e que se espalharam de Porto Alegre – então com o nome de Porto dos Casais – até o Espírito Santo, trouxeram o hábito do Entrudo, muito popular em Portugal e suas colônias. Mas foi no Rio onde ele criou raízes, tendo sido citado e descrito pelos viajantes e cronistas da época, como Jean-Baptiste Debret, que o eternizou em desenhos, registrando até a bisnaga, apetrecho indispensável na brincadeira, se assim se podia chamar.

A brutalidade do Entrudo não conhecia limites. As pessoas jogavam umas contra as outras polvilho, pó-de-mico, fuligem, goma, limões feitos de cera e contendo qualquer líquido, até urina. Das sacadas bacias de água eram entornadas sobre os passantes, que não podiam nem parar para reclamar, porque senão a situação piorava. Houve alguns casos graves como o do arquiteto francês Grandjean de Montigny, que fazia parte da missão artística francesa trazida por D. João VI, que morreu em consequência de uma pleurisia contraída durante o carnaval.

A polícia tentava coibir os exageros do Entrudo, mas era difícil. Mesmo com a falta d'água, que era uma constante do verão carioca, tonéis e tonéis eram carregados pelos escravos para encher as vasilhas que os senhores e as sinhás usavam nos três dias da folia.

As autoridades publicavam portarias regulamentadoras, mas não havia jeito. A cada carnaval o Entrudo era mais violento, até que em 1857 foi formalmente posto fora da lei. Mesmo assim, a despeito da proibição legal, ele ainda resistiu alguns anos até desaparecer definitivamente, tragado por outras novidades que surgiam. Como o Zé Pereira, por exemplo.

Foi na rua São José, 22, no centro do Rio, que nasceu o Zé

Pereira, corporificado no português José Nogueira de Azevedo Paredes, que numa segunda-feira de carnaval saiu às ruas com um enorme bumbo, seguido por outros patrióticos com tambores menores, fazendo uma enorme algazarra e arrastando animados seguidores que logo se transformavam numa pequena multidão. O Zé Pereira transformou-se num emblema do carnaval carioca – e por extensão brasileiro – que perdura até hoje. Tal foi a sua popularidade que as revistas teatrais incorporaram a bonachona figura e deram-lhe até um tema musical, adaptado da composição francesa Les Pompiers de Nanterre (Os bombeiros de Nanterre) e foi um enorme sucesso na revista encenada no Teatro Fênix, em 1870, com o título de Zé Pereira Carnavalesco, cantado por Francisco Correia Vasques, grande estrela da época :

E viva o Zé Pereira

Pois que a ninguém faz mal

Viva a bebedeira

Nos dias de Carnaval !

Na espontaneidade das ruas nasceram também os cordões, contando com a participação da população negra que, até então, tinha uma participação secundária nos festejos. A sua origem remonta às confrarias religiosas como a de N.S. do Rosário, que abrigava escravos e libertos. Assim foram aparecendo os primeiros grupos dos Ticumbís, reproduzindo personagens e desenvolvimento coreográfico próprios da cultura do Congo. Outro elemento dos cordões foram os Cucumbís, palavra originada em cocumbe, comida servida nas festas da circuncisão dos filhos dos negros congos, nome com o qual os grupos também ficaram conhecidos. Naquelas ocasiões a dança era um ritual que marcava dois momentos importantes, o que acabamos de citar, e as cerimônias fúnebres.

Os cucumbís foram passando do sagrado para o profano e com o ritmo proporcionado pelos ganzás, xequerê, chocalhos., adufes, agogôs e marimbas, foram surgindo grupos como Cucumbis Lanceiros Carnavalescos, Triunfo dos Cucumbis Carnavalescos. Iniciadores dos Cucumbis e deze-

nas de outros. Pouco a pouco o nome cucumbi foi sendo substituindo pelo genérico cordão que proliferava na cidade inteira. Muitos se tornaram famosos, mas nenhum como o Rosa de Ouro, para quem, atendendo um pedido da diretoria, a maestrina Francisca Edwiges Neves Gonzaga, que passou para a história como Chiquinha Gonzaga, compôs a marcha que tornou-se música-símbolo do carnaval brasileiro:

Ó abre alas, que eu quero passar

Eu sou da lira não posso negar,

Rosa de Ouro é quem vai ganhar

Assim como os cordões traziam as células da presença africana, os Ranchos, outro capítulo importante na história do nosso carnaval, trouxe a presença e herança portuguesas. No início faziam parte do ciclo das festas natalinas e da festa em louvor à N.S. da Penha, que até hoje é realizada durante o mês de outubro. Se no interior da igreja era celebrado o Te-Deum, na área externa, entre barraquinhas com bebidas e comidas podia-se ouvir sambas e marchas que eram uma prévia do carnaval. E lá se podia encontrar Pixinguinha, Sinhô, Donga, João da Baiana, Caninha e outros expoentes musicais do Rio do início do século 20.

Foi neste contato que os ranchos foram tomando outro formato e adquirindo nomes como Recreio da Flores,

Kananga do Japão, Ameno Resedá, Flor do Abacate, impondo-se como uma das forças básicas do nosso carnaval. À medida que foram crescendo foram se tornando mais opulentos e importantes. Seu cortejo era impressionante com músicos de bandas militares e cantores operísticos. Arrebanhavam famílias inteiras e desfilavam para milhares de pessoas que se acotovelavam ao longo da Avenida Central, depois Rio Branco, sob calorosos aplausos e grande animação popular. Muitos cronistas carnavalescos desprezaram os desfiles dos ranchos como procissão medieval ou teatro lírico ambulante. Os enredos que eram apresentados tinham títulos como A Divina Comédia, de Dante Alighieri; Aida, de Verdi; Salomé, de Oscar Wilde e Rainha de Sabá.

Dividindo a preferência do povo e da imprensa existiam as Sociedades Carnavalescas ou Grandes Sociedades, como ficaram conhecidas. As pioneiras foram os Zuavos Carnavalescos, depois denominada Tenentes do Diabo, a Grande Congresso das Sumidades Carnavalescas, dissolvida mais tarde para formar a Sociedades de Estudantes de Heidelberg, e os Democráticos. A principal característica das sociedades é que os fundadores e diretores eram escritores,

profissionais da imprensa, médicos, enfim, pessoas bem diferentes das que fundaram cordões e ranchos. Mas, ao contrário do que se poderia pensar, estes grupos tinham um grande compromisso social e político com o momento em que viviam. Em 1876, os Estudantes de Heidelberg, que deram o nome de Universidade à sua sede, saíram às ruas esmolando para conseguir o suficiente para poder comprar a carta de alforria para um menor escravo que tinha salvado de morrer afogada uma menina branca na praia de Icarai.

No carnaval de 1888, poucos meses antes da abolição da escravatura, um jornal publicou o seguinte:

“O grupo dos Pelicanos, heróica fração do benemérito clube dos Fenianos, sempre generoso e nobre, mais uma vez fez realçar os seus reconhecidos méritos e elevados sentimentos nobilitando de modo imorredouro o grandioso acontecimento de hoje com a restituição de um homem ao estado livre. Não é a primeira vez que os eméritos foliões se recomendam aos louvores ou encômios. O escravo alforriado pelo ilustre clube tem vinte anos, chama-se Teodoro e acompanhará os seus benfeitores na vitoriosa passeata carnavalesca de hoje. Um Bravo! à heróica falange.”



Ilustração sobre foto: Mário Thompson

Os três grandes clubes, Tenentes do Diabo, Democráticos e Fenianos, no período carnavalesco anterior à abolição, compravam escravos para aforriá-los depois apresentá-los nos seus desfiles, em cima dos carros, com um estímulo e uma lição.

O mesmo se deu em relação aos ideais republicanos. As sociedades cerraram fileiras em torno dos que lutavam para derrubar a monarquia e as armas usadas foram a sátira e as alegorias. Fato igual aconteceu com relação a adoção do voto feminino e à luta contra a ditadura do Estado Novo (durante os anos 30 e 40).

Como se pode constatar estas organizações, que também se dedicavam ao culto da música e letras, foram peças fundamentais para grandes conquistas da nossa história política. Esta é uma das originalidades do nosso carnaval.

Herdeiras dos ranchos e das grandes sociedades, as escolas de samba, que surgiram no carnaval carioca nos primeiros anos de década de 30, incorporaram elementos das duas formas e criaram um modelo novo e irresistível. Nascida no bairro do Estácio de Sá e logo se espalhando pelo morro da Mangueira e os subúrbios de Oswaldo Cruz e Madureira, estas agremiações são a síntese de todas as manifestações acontecidas desde a chegada dos primeiros navios negreiros e dos festejos dos primeiros cucumbis.

As escolas de samba são, creio firmemente, uma fatalidade histórica. Elas são a síntese do país e do nosso povo. Felizmente não nasceu com forma definitiva e acabada. Ao longo dos anos aconteceram modificações, o que é natural, mas sem lhes tirar a essência e mantendo a condição de testemunha do seu tempo e espelho das ansiedades e expectativas dos seus componentes. Uma das instituições mais democráticas de que se tem notícia, as escolas não limitam em nenhum grau o ímpeto da sua adesão. Entre os seus desfilantes, que hoje chega ao espantoso número de 4.000, em média, e só no grupo mais importante são 14 escolas, estão pessoas de raças, profissões e origens as mais diversas, que se irmanam para desfilarem 90 minutos cantando e dançando.

Em todo este período, desde o primeiro desfile-concurso realizado no dia 7 de fevereiro de 1932, as escolas têm crescido como agremiações, ou grêmios recreativos como é a sua denominação oficial, muitas delas dedicam-se à realização de um trabalho social de grande impacto, usando o esporte e os estudos profissionalizantes como cunha para

abrir os caminhos da plena cidadania para um apreciável contingente de jovens.

Dando continuidade a este lado original do nosso carnaval, que o diferencia de qualquer outro, as escolas de sambas têm exercido um magnífico papel no resgate de personagens e episódios da nossa história, muitos até desconsiderados pela história oficial. Quantas figuras marginalizadas, quantos momentos importantes na formação do nosso país, ignorados pelos livros didáticos, ganharam sua devida dimensão através dos enredos das escolas e seus sambas. Aleijadinho, Chica da Silva, Dona Beja, o baile da Ilha Fiscal, Delmiro Gouveia, a revolta dos malês, Zumbi dos Palmares, Monteiro Lobato, Villa Lobos, a crítica aos vários planos econômicos dos quais já fomos vítimas, a mitologia afro-brasileira, as alternativas em torno da versão do descobrimento do Brasil, enfim, as escolas de samba passaram a ser um fórum para se discutir e conhecer o Brasil. E tudo isto sem pretensões acadêmicas, com linguagem e visualização artísticas de fácil compreensão porque, afinal, tudo é feito em canto e dança.

Nos dias atuais o barracão é o grande caldeirão da alquimia carnavalesca, onde tudo se transforma e cria vidas através das mãos dos artesãos que misturam suor, cola, prego e ferragem para materializar visões e delírios. Diferente de um atelier ou oficina, o barracão mergulha numa magia que é compartilhada pelos que lá trabalham e compreendida pelos que o visitam.

O fenômeno escolas de samba extrapolou primeiro os limites do Rio e, depois, os limites do Brasil. Hoje existem escolas em cidades tão diferentes como Los Angeles, Porto, Oslo, Tóquio ou Londres, adotando não só o nosso ritmo como também a sua essência.

Do bombo do Zé Pereira ao bombo que marca o tempo forte na bateria das escolas, muita coisa aconteceu. O nosso carnaval, através delas, tem sido a trilha sonora da história do país, registrando, adotando, transformando, modificando gestos e modos, comportamentos e aparências. E mais, dão ao mundo um exemplo de beleza, fraternidade e tolerância.

Haroldo Costa é ator, produtor cultural e autor dos livros Fala, Criolo; Salgueiro, Academia de Samba; É Hoje (com o caricaturista Lan), Na Cadência do Samba e 100 Anos de Carnaval do Rio de Janeiro.